



Os Sonâmbulos

The Sleepwalkers

Jessica de Souza Barbosa ¹

1. Bolsista CNPq / Mestranda em Escrita Criativa no Programa de Pós-Graduação em Letras – PUCRS. Graduada em Direção Teatral pela UFRGS e em Jornalismo pela PUCRS. E-mail de contato: barbosa.jessica3@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2319-5448>

Resumo |

Inspirado no Teatro do Absurdo e no Existencialismo, o presente texto dramático aborda a ocorrência de um vírus que ameaça a humanidade transformando pessoas comuns em sonâmbulos. Indivíduos que permanecem acordados são acometidos por uma imobilidade que gradualmente os converte em estátuas. O polvo é o animal escolhido para narrar a hecatombe que se aproxima. O desamparo do sujeito é o que resta quando a comunicação já não é mais possível. Trata-se de uma distopia que funciona como uma alegoria para o contexto político que assola o Brasil contemporâneo, diante do crescimento do autoritarismo e do obscurantismo que o bolsonarismo representa, ameaçando a vida, a democracia, a ciência e as artes.

Palavras-chave: Dramaturgia. Criação literária. Teatro contemporâneo.

Abstract |

Inspired by the Theatre of Absurd and Existentialism, the present dramaturgical text addresses the occurrence of a virus that threatens humanity by turning ordinary people into sleepwalkers. Individuals who remain awake are stricken with immobility, that gradually turns them into statues. The octopus is the animal chosen to narrate the coming hecatomb. The subject's helplessness is what remains when communication is no longer possible. It is a dystopia that functions as an allegory for the political context that plagues contemporary Brazil, in the face of the growth of authoritarianism and the obscurantism that Bolsonarism represents, threatening life, democracy, science and the arts.

Keywords: Dramaturgy. Literary creation. Contemporary theater.

Rubricas para uma estátua

Nem anjo, nem gelo.
 Pintada de cinza
 Mas vista transparente
 Era frio e
 o vento curvava-a
 pelos olhos.
 A espada caída
 impelia a face ao chão
 em uma rasante.
 A água, os pássaros
 Sondavam em coro
 [Erga-se, erga-se, erga-se]
 “Mas sou uma estátua”, respondia!
 [Uma estátua condenada a fitar,
 eterna, a espada caída]
 Minimizar-se na sua solidez
 de estátua que observa
 Tonta a querer voar
 a sonhar nadar,
 comprimiu-se nas lágrimas
 na esgrima do céu
 até a ferrugem levantar seus
 braços dóceis, seus ombros secos,
 seus olhos tortos.
 o mármore enrijecido, quebrado,
 em dor, amortece e treme.
 A estrutura a quebrar-se em morte e vida
 até virar farelo de pedrinha n’água.
 E escorrer pelos rios
 E penetrar sorrateira
 As rochas, a terra, as raízes.

Luz na casa. Elvira lava a louça, enquanto escuta o áudio na TV.

Entra o pai.

ARTHUR – Troca de canal que eu quero ver quanto está o dólar. Estou preocupado. Não pode ser que suba tanto. Onde vamos parar?

ELVIRA – Não. Deixa aí que eu quero ver em que pé está aquela coisa.

ARTHUR – Que coisa, Elvira? Não vê que o dólar já está lá na ponta da antena da rádio Cristal? Desse jeito vai chegar lá nos satélites da NASA.

ELVIRA – Você não viu? Já são mais de 3 milhões de pessoas que acordaram sonâmbulas. Estão há dias assim e nada de fazer essa gente reagir. Coisa de louco isso. Acho que até é castigo de Deus. Só pode ser.

ARTHUR – Isso é conversa para boi dormir. Mania desse povo de inventar coisa para vender jornal.

ELVIRA – É sério, Arthur, não tem jeito dessa gente acordar. Levantaram da cama de manhã e saíram fazendo as coisas como se estivessem acordados, mas estão dormindo. Dizem que repetem frases. Coisas sem sentido, sabe? E tem os olhos parados. Olham para um ponto fixo, como se estivessem hipnotizados. Nem piscar piscam. Eu tenho até medo de ver uma pessoa dessas na minha frente. Acho que saio correndo. Congelo. Faço xixi nas calças. Não sei.

ARTHUR – Deve ser gente que não quer trabalhar. Quem trabalha não tem esse tipo de problema.

ELVIRA – O pior é que contrataram tudo que é tipo de médico para tentar descobrir o que essas pessoas têm e nada. A Marlene, a vizinha aqui do apartamento dos fundos, sabe? A Marlene disse que um doutor psiquiatra que é amigo do filho dela disse que não tão sabendo nem que remédio usar. Que tudo que é remédio que dão não funciona. Também tentaram acordar a pessoa de tudo quanto é jeito, mas parece que é pior tentar acordar sonâmbulo. Deram susto. Jogaram balde de água fria. Be-

liscaram. Colocaram gelo na nuca da pessoa. Tudo quanto é coisa. É até gozado uma coisa assim. O caso é que deu muito problema esse negócio de tentar acordar. Uns ficam muito raivosos. Começam a cuspir, a quebrar as coisas da casa, falam coisas ainda mais desconexas. Esses evoluem para o caso grave, que é o estágio da raiva. Daí não tem o que faça o sujeito se acalmar. Chega a me baixar a pressão pensar num troço desses.

ARTHUR – Se você não vai trocar de canal, eu mesmo vou. Isso é uma calamidade. De que jeito eu vou continuar abastecendo? Você sabe que ontem eu fui no posto de gasolina e...

ELVIRA – Shiiii. Quietos. Agora que a repórter vai falar dos casos.

Entra a filha.

EDUARDA – Isso daí são entorpecentes, mãe. Alguma droga nova que essa gente tomou e não voltou mais da viagem, saca? Uma hora vão acordar com a cabeça toda sequelada.

ELVIRA – Vai sair?

EDUARDA – Estou atrasada até. O boy já está lá embaixo me esperando. Tenho que descer que ele está de moto.

ELVIRA – Esse é o seu namorado?

EDUARDA – Não é só um boy do Tinder. Estou atrasada.

ELVIRA – Que história é essa minha filha? Isso não está certo. O mundo está muito perigoso e se você se contamina e fica sonâmbula?

EDUARDA – Porra, mãe. Já disse que não uso drogas proibidas. Só maconha. E maconha não dá nada disso aí.

ELVIRA - Ninguém sabe o que causa isso, filha. Eu já fumei maconha uma vez quando eu era nova e...

EDUARDA – Vai começar a ladainha. *(Tampa os ouvidos com a mão e começa a cantar)*. Lá lá lá rarara lá lá la rá ra!

ELVIRA – Minha filha, me escuta. E se isso pega? E se for DST? E se esse menino fica sonâmbulo também e te ataca? Dizem que tem casos em que são capazes de tudo, minha filha. Até de matar alguém, viu? Mas esses são poucos casos. Os mais graves. Tá levando o celular? Você não vai deixar desligado dessa vez, vai? Da outra vez que eu te liguei estava dando na caixa postal. Tem que andar com a identidade também. Não vai sair sem a identidade. E um papel com o endereço. Se você morre tem pelo menos como nos acharem. Não quero que a minha filha tenha um funeral de indigente. Ouvia? Filha?

EDUARDA- Porra, mãe eu uso camisinha e o boy está me esperando há horas. Já está me enchendo isso. E desliga esse troço. É só porcaria. Eu vou deixar o telefone ligado, mas se ficar me ligando de quinze em quinze minutos, eu desligo. Eu desligo, viu? Cara, não me fode. Meu, o boy já está lá há horas. Puta que pariu.

A filha sai.

Luz baixa. Cenário de algas marinhas.

O NARRADOR POLVO

O indivíduo acorda. Levanta, escova os dentes, lava a cara. Prepara o café, abre a janela, se veste. Toma uma colher de biotônico. Tudo na mais perfeita normalidade. Mais um dia na vida de um ser humano bem adaptado. No entanto, olhe melhor. Abra bem os olhos para observar. O indivíduo não pisca. Como um títere tem seus membros amarrados às cordas e a cada respiração, o seu inconsciente lamenta a perda da autonomia. Ele se tornou mais um. Penetra no seu sangue o micro-organismo que o transforma em mais um dormente a andar sobre a terra. Sua consciência se desfaz em sonho e o resto do corpo se delicia em nonsense delírio. A vida tem um propósito. Ele conhece quem deve odiar. Os inimigos não são mais fragmentos. Tendo quem odiar, pode se amar agora. A solidão desaparece. Ele se acopla em um corpo maior, corpo que é grupo, que é

exército, que é nação. Um grupo heróico, um grupo superior, um grupo que conhece a verdade. A sensação é melhor do que transpirar e gritar gol em meio a torcida com o estádio lotado. O gozo é permanente. As dúvidas se dissiparam. Ele é inteiro agora que está integrado com os seus semelhantes. Jamais a incerteza, jamais o desconforto da autocrítica.

Luz na cozinha. Elvira prepara o café da manhã. Entra Eduarda com a maquiagem borrada.

ELVIRA – Isso são horas?

EDUARDA – Mãe, eu falei que ia dormir com o boy.

ELVIRA – Para mim você não disse nada.

EDUARDA – Disse sim. Você que não ouviu.

ELVIRA – Eu mereço! Que vida que eu me meti. Minha filha não me respeita mais. Pelo menos, graças a Deus e a Nossa Senhora do Bom Carma você está viva.

EDUARDA – Mas é óbvio, mãe. Bom, agora eu vou dormir.

ELVIRA – Filha, você não vai para a faculdade?

EDUARDA – Não, mãe. Cancelaram as aulas. Estão com medo que tenha algum estudante sonâmbulo e todos acabem pegando.

ELVIRA - Então já chegou no Brasil, minha filha? Minha Nossa Senhora. Você não sai mais de casa a partir de agora.

EDUARDA – Relaxa, mãe. Não esquenta não.

ELVIRA – E o teu pai?

EDUARDA – Sei lá. Vou lá saber o que aquele véio doido faz da vida.

ELVIRA – Até agora não acordou.

EDUARDA – Olha ele ali. Falou no Diabo...

Entra Arthur, já sonambulizado. Caminha etéreo, com o olhar fixo, sem piscar. Os movimentos são lentos e robóticos. Derruba as coisas por onde anda. Fala devagar como se estivesse bocejando.

EDUARDA – Pai?

ELVIRA – Tudo bem, Arthur? Arthur?

EDUARDA – Pai, está derrubando tudo. Tá bêbado?

ELVIRA – Jesus Cristo! O teu pai. O teu pai pegou a doença.

EDUARDA – Pai, o que está acontecendo?

ARTHUR – Eu sou um periquito e eu cultuo o deus dos periquitos.

EDUARDA – Oi?

ELVIRA – Arthur, pelo amor de Deus, não brinca numa hora dessas.

EDUARDA – Pai, você viu que o dólar subiu uns 300% hoje? Pai?

ARTHUR – Eu sou uma foca e eu sigo o deus das focas.

EDUARDA – Ele não está bem.

Arthur prepara o café muito lentamente e o bebe. Depois, sobe em uma cadeira e canta, imitando uma coreografia marcial com movimentos automatizados e repetitivos.

ARTHUR – Noventa moscas em ação

Pra frente mosquito, no meu bundão

Todos juntos, vamos pra frente mosquito

Salve o meu bundão!!!

De repente é aquele rabo na mente, parece que todo o mosquito deu cão!

Todos nublados na mesma visão, tudo é um só bundão!

Todos juntos vamos pra frente Mosquito!

Salve o meu bundão!

Todos juntos vamos pra frente Mosquito!

Salve o meu bundão!

Gol!

EDUARDA – Eu não vou ficar aqui com esse louco. Não vou. Vou para a casa do boy.

ELVIRA – Minha filha, mas é o teu pai? Tem que ajudar o teu pai.

EDUARDA – Daqui a pouco essa gente acorda, mãe. Não pode dar corda. É isso.

ELVIRA – Fica aqui com a gente. Muito perigoso sair numa hora dessas.

EDUARDA – Mais perigoso é aqui dentro com esse louco.

ELVIRA – Esse louco é o teu pai.

EDUARDA – Você viu o que esses sonâmbulos andam fazendo? Uns chegam até a matar.

ELVIRA – Não importa, filha. É o teu pai. Ele está tomado por uma praga. Você sabe que ele não é assim.

O pai depois de muita dificuldade consegue desbloquear o próprio celular e passa a ouvir um áudio de WhatsApp.

VOZ DE DISCURSO (OFF)

Sou as aspas do tempo. Sou o parêntese da história. A amnésia bêba-

da dos registros historiográficos. Sou a arma mortal que vomita nos homens sem causa e sem queixa. Por crueldade, por sordidez, para poder dançar em cemitérios de anônimos. Sou o representante dos Deuses a vingar-se de Prometeu. Me lambuzo ao ver a nuvem sem chuva que trovoa em doses elétricas de sono. Eu sou a doença, a praga, os gafanhotos, a peste, a densidade turva da enfermidade, a podridão dos ralos, os ratos expulsos dos bueiros, as cobras enroscadas no pescoço do rei, a mentira semeada na terra, a fruta mordida pelo verme, o núcleo embaçado da cadela prena, o monstro que emerge da dor de um estupro. Eu sou a mentira virada em carne. Eu sou o titereiro. O demiurgo. O caos com poder de procriação.

Corte seco. Luz na sala de jantar de Marlene e Diego.

MARLENE – Sabe quem virou sonâmbulo?

DIEGO – Ouvi falar que tem umas cinco pessoas aqui no prédio.

MARLENE – O Arthur do 303. Eu já desconfiava que uma pessoa que nem ele fosse pegar. É uma coisa assustadora. Parece que ele saiu de casa. A Elvira não conseguiu impedir. Arrumou briga com umas três pessoas que tentaram acordar ele.

DIEGO – Nós não iremos pegar. Não iremos.

MARLENE – A Elvira está em depressão. Passa o dia deitada. Ela que sempre foi caprichosa, agora está com a casa toda xixelenta. Coitada da Elvira. Sempre foi pessoa boa. Misericórdia! Não pode ser que Deus não tenha Misericórdia de gente de bem que nem a Elvira.

DIEGO – Se fosse eu colocava o velho para fora de casa.

MARLENE – De que jeito? O homem é marido dela. Se fosse comigo, me colocaria para rua?

DIEGO – Você é diferente, Marlene. Você não pegaria uma coisa dessas. Seus olhos estão sempre bem abertos. A doença só penetra nos que fecham os olhos.

MARLENE - E agora parece que andam todos com a mesma cor de roupa. Todos de verde fluorescente. Daqueles que chegam a brilhar no escuro. Imagina só, um velho naquela idade com uma roupa ridícula dessas. Não tem vergonha na cara? Como pode uma coisa dessas, Diego? Diego?

Luz baixa. Cenário de algas marinhas.

NARRADOR POLVO – Quando Deus quis se vingar dos humanos, desceu e instituiu diferentes linguagens. Eis o castigo dos homens que agora estão separados por barreiras de idiomas. Fronteiras ainda maiores dentro dos que falam a mesma língua se impõem por fechadas visões de mundo. Cegueira invisível. Verdade que só se vê por relances. E todas as tentativas promovidas por artistas se esvaziam como copos de vinho derrubados em toalhas brancas. Uma dose que era para ser bebida e apreciada é negada e descartada por simples desprezo, desdém, desgosto. Os artistas emudecem e constroem seus muros. Exaustos não puderam arrebentar a estrutura de solidão a qual fomos submetidos.

Luz no quarto da mãe.

EDUARDA- Mãe, você tem que levantar. Parece que o pai arrumou confusão no bar da esquina. Um cara tentou acordar ele com uma vassourada.

ELVIRA – Deita do meu lado. Deixa o teu pai. Ele não acorda mais. Eles não vão acordar.

EDUARDA – Mãe, tem um polvo ali na parede.

ELVIRA – Que polvo, minha filha? Não pode ser. Você também está sonâmbula?

EDUARDA – Não, mãe. Eu estou muito lúcida. Ele está camuflado. Levanta e chega perto, mas devagar pra ele não fugir.

ELVIRA – Não consigo levantar, filha. Não consigo me mexer.

EDUARDA – Ele fugiu.

ELVIRA – Sim, seu pai fugiu. Ele não vai voltar.

EDUARDA – Não, mãe. O polvo fugiu.

ELVIRA – Minha filha, deita um pouco aqui comigo?

Eduarda não responde. Sai para tentar encontrar o polvo.

Corte seco. Luz na sala de jantar de Marlene e Diego.

DIEGO – Somos todos papagaios e seguimos o deus dos papagaios.

MARLENE – Diego, não brinca comigo numa hora dessas. Diego?

DIEGO – Somos todos avestruzes e seguimos o deus dos avestruzes.

MARLENE – Não pode ser. Diego? Não, você não. Acorda, Diego!

Diego tomado pelo sonambulismo passa a agir como se obedecesse a um hipnotizador sádico. Imita ações ridículas, infantis e atléticas.

Sai de casa.

MARLENE – Diego, pelo amor de Deus. Volta, meu amor. Você vai arrumar confusão na rua. Diego! Diego.

Luz baixa. Cenário de algas marinhas.

NARRADOR POLVO – Um documentarista, uma testemunha ocular, um repórter de guerra, um historiador, um corredor de maratonas, um mensageiro. Hermes. Me escondo, me atravesso, me camufo entre os humanos. De todas as espécies de animais, a minha foi a escolhida para se retirar dos mares e adentrar em apartamentos de caixas de fósforo e narrar a história dos humanos que perderam a humanidade, enquanto os outros humanos desistiam, pouco a pouco, dos seus pares e de compreender que estranha anomalia tomara conta daqueles indivíduos, fazendo com que perdessem a própria consciência. Estranhos humanos, viram na única solução a separação. Foi posto um muro imaginário entre

os sonâmbulos e os acordados. As tentativas de quebrar o muro eram bruscas ocasionando sempre um grande estrago, tamanha era a violência que se instaurava. Um muro... Um muro artificial. Um muro que nada se parecia com as águas, nas quais habito e que tão naturalmente eu me entrego à correnteza. Dentre os acordados, existiam aqueles que estiveram por muito tempo acordados demais e adoeceram por não saberem conter a perplexidade. Eram demasiado sóbrios para se permitirem fruir em fantasias. O maravilhoso já não mais poderia ser consumido por eles. Assim se instalou a gradual imobilidade que afetou grande parte dos acordados. Milhões de seres que já não levantavam mais da cama passaram a ter cada vez mais dificuldades de locomoção e de ação até que se transformaram em estátuas de cimento.

Luz no quarto de Eduarda. A campainha toca.

EDUARDA- Oi

MARLENE – Oi

EDUARDA – No que posso ajudar?

MARLENE – Eu fiquei sabendo o que aconteceu com a sua mãe. Sei que ela entrou em depressão e ...

EDUARDA – Não é depressão é algo muito bizarro.

MARLENE – Eu posso falar com ela?

EDUARDA – Creio que ela não vai escutar nada.

MARLENE- Meu Deus, então é verdade?

EDUARDA – Sim.

MARLENE – E o que você vai fazer?

EDUARDA – Não sei. Meu pai sumiu. Ela virou concreto. O que posso fazer? Arranjar um emprego talvez.

MARLENE – O meu marido também desapareceu.

EDUARDA – Eu sei onde eles estão.

MARLENE – Onde?

EDUARDA – Postaram hoje. Todos os sonâmbulos estão reunidos no monumento do líder. A foto é bizarra. Uma grande mancha verde fluorescente tomando conta da praça principal.

MARLENE – Diego deve estar lá.

EDUARDA – De nada adianta. Deixemos que eles acordem sozinhos.

MARLENE – O zelador me disse que você encontrou um polvo no apartamento.

EDUARDA – Encontrei.

MARLENE – E como ele era?

EDUARDA – Não sei. Ele se camuflava muito. Eu coloquei ele na banheira, quer ver?

MARLENE – Eu nunca vi um polvo antes.

EDUARDA – Dizem que são os animais que mais se aproximam de uma possível vida alienígena.

MARLENE – Eu não quero ver. Prefiro imaginar.

EDUARDA – Você que sabe.

MARLENE – Ei menina, posso perguntar algo?

EDUARDA – Claro.

MARLENE – Eu posso ficar aqui? Até tudo isso passar...

EDUARDA – Não vai passar.

MARLENE – Como você pode dizer algo assim?

EDUARDA – Os meus pais se foram.

MARLENE – Eles podem voltar.

EDUARDA – Não acredito.

Luz baixa. Cenário de algas marinhas.

NARRADOR POLVO – Um suspiro a mais e a estátua pode se quebrar. As personagens de concreto imóveis se desfazem. Restam farelos de cimento cinza sobre os carpetes. Restam poucos acordados. Uma espera longa se instaura nos condomínios. Há um tempo que sinto falta do sal marinho, dos cardumes dançantes, das algas que me bajulam quando os meus tentáculos as tocam. Preciso voltar a casa, mas o drama dos humanos ainda não acabou. Fujo da banheira. Me escondo entre as superfícies e almejo perfurar um cano quando sinto um peso me aniquilar comprimindo meu corpo até que ele se parta em muitos pedaços sobre o piso de mármore.

EDUARDA – Pai?

ARTHUR – Não posso tolerar. Não. Isso é nojento. Um animal como esse é nojento.

EDUARDA – Pai você matou o meu polvo.

ARTHUR – Devem ser mortos todos aqueles que não seguem o grande líder.

EDUARDA – Pai, fala comigo? Você viu o estado que está a mãe?

ARTHUR – Deve-se cumprir o destino da grande nação. É nosso dever... É nosso dever...

Arthur sai com um machado ensanguentado na mão. Eduarda se joga no chão para recolher os pedaços do polvo.

EDUARDA – Pai, eu odeio você. Você matou o meu único amigo. Eu tinha

um animal só meu. Todo meu. Agora eu não tenho mais nada. Nada. Você nem está mais aqui, nem a mãe. Nem ninguém. O que fizeram de vocês? O que eu vou fazer?

Marlene, que apenas fitava a estátua com horror nos olhos, percebe o ocorrido.

MARLENE- Não se preocupe, querida. Olha era só um bichinho. Vamos recolher isso. Eu vou ficar aqui com você.

EDUARDA – Obrigada. A senhora não precisa ficar, viu? Se a senhora quiser pode ir na praça buscar o seu marido. Eu vou ficar bem. Eu sempre fiquei bem. Pensando bem, eu até que queria que a senhora ficasse. A senhora parece entender as pessoas e a senhora não se transformou em sonâmbula e nem em estátua. Nós podemos conversar. Eu posso te contar a sua vida e você me contar a minha. Podemos cozinhar alguma coisa. Faz dias que eu não como uma comida de verdade. Eu não sei cozinhar. Quem cozinhava aqui era a minha mãe. A senhora sabe jogar canastra? Podemos jogar? Eu vou adorar. Vou adorar que a senhora fique. O que você acha?

MARLENE – Somos todas lagartixas e como lagartixas devemos seguir o deus das lagartixas.

*Marlene, sonambulizada, começa a espremer as partes do polvo.
Eduarda, sombria, abraça-se na estátua da mãe, que já dá sinal de desfazer-se.*

Blecaute.

Submetido em: 20/05/2020
Aceito em: 16/06/2020